



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2797 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 16 - Educação e Comunicação

Conhecimento e tecnologia: as videoaulas como possibilidade pedagógica  
Leonardo Malgeri - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Esta comunicação parte de um trabalho de final de disciplina na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso (GIL, 2008), advindo da experiência do autor com o atendimento escolar a alunos (de Educação Básica) que fizeram uso de videoaulas como ferramenta complementar de aprendizagem, especificamente para o período de provas bimestrais. Os resultados positivos alcançados pelos alunos, bem como uma complementar pesquisa bibliográfica, levaram à reflexão sobre até que ponto videoaulas podem ressignificar o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, estimular o debate sobre as formas como acessamos os conhecimentos.

## Conhecimento e tecnologia: as videoaulas como possibilidade pedagógica

### Resumo

Esta comunicação parte de um trabalho de final de disciplina na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso (GIL, 2008), advindo da experiência do autor com o atendimento escolar a alunos (de Educação Básica) que fizeram uso de videoaulas como ferramenta complementar de aprendizagem, especificamente para o período de provas bimestrais. Os resultados positivos alcançados pelos alunos, bem como uma complementar pesquisa bibliográfica, levaram à reflexão sobre até que ponto videoaulas podem ressignificar o processo de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, estimular o debate sobre as formas como acessamos os conhecimentos.

**Palavras-chave:** videoaulas; conhecimento; ensino-aprendizagem.

### Apresentação

A despeito de diferenças regionais, hoje, segundo pesquisa do IBGE 2016, o Brasil conta com mais de 116 milhões de pessoas conectadas à internet, ou seja, mais de 65% de toda a sua população. Tais índices tornam mais urgentes ainda o debate acadêmico sobre as chamadas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), que podemos definir como “toda forma de gerar, armazenar, processar e reproduzir a informação (CORTELAZZO, 2002. P.2). Dentre essas, tem-nos chamado a atenção as videoaulas, um fenômeno midiático/tecnológico que pode, segundo nossa hipótese, revolucionar a forma como os conteúdos são transmitidos aos alunos.

Tal curiosidade foi despertada pela nossa prática profissional, em especial a atuação como orientador escolar de um colégio da rede particular de Petrópolis, RJ, no triênio 2013-2014-2015, quando fizemos o atendimento educacional a 85 alunos de Educação Básica. Em nossa pesquisa, do contingente de 80 estudantes que disseram acessar as videoaulas como estratégia de aprendizagem na época das provas bimestrais, notamos que a maior parte (75%) procuram os vídeos mais sintéticos e/ou objetivos em suas explicações.

A título de exemplo, como ilustração para o debate sobre a capilaridade dessa nova possibilidade de aprendizagem, ao

pesquisarmos sobre o Iluminismo, no dia 12 de maio de 2018, apareceram, no *You Tube* (o mais acessado desses canais), 34.300 resultados. Ao fazermos a associação do termo com a especificidade "videoaula", chegou-se a 10.000 *links* dentro do nosso escopo de pesquisa - alguns mais "profissionais" (normalmente ligados a redes escolares e cursinhos), outros mais amadores, produzidos a partir de apresentações de alunos e curiosos/autodidatas que parecem encontrar nesta prática, uma forma de exibição/compartilhamento de conhecimento. Tomando como referência apenas os vídeos que se encaixam no primeiro perfil, analisaremos, a seguir, algumas especificidades pedagógicas de tais práticas.

### **Especificidades das videoaulas e questionamento**

A primeira característica que chama a atenção nas videoaulas são os recursos midiáticos de que dispõem os professores, como mapas, vídeos, ilustrações, tabelas e gráficos, que são projetados à medida que são citados, o que pode pesar positivamente na compreensão do tema por parte do aluno. Até porque, como a grande maioria das aulas acabam sendo gravadas, existe a possibilidade de edição/revisão do que foi dito, podendo inclusive adicionar *links* à explicação, corrigir dados e até mesmo inserir atualizações. Ou seja, só por esse primeiro aspecto, fica difícil negar a importância dessa ferramenta, justamente pelo seu caráter facilitador de interesse/aprendizagem por parte do aluno.

Uma outra especificidades das videoaulas é que o professor na tela foi escolhido pelo aluno, em uma gama cada vez maior de opções (diferente do que ocorre na escola). Ou seja, (e nisso reside um aspecto que nos parece profundamente relevante), o sujeito que aparece no computador/*tablet*/celular do aluno ali está não por imposição paternal e/ou institucional.

Se pensarmos a relação do aluno com as aulas assistidas virtualmente, parece-nos válida a associação de tal prática com a dialética autonomia-heteronomia – onde os vídeos ajudariam o estudante a depender menos do professor, uma vez que "quanto mais criadora e divergente em relação ao já instituído for essa ação, maior será a autonomia do ser cognoscente" (SILVA, 1998, p. 43) .

Autonomia que é corroborada pelo fato de que uma videoaula pode ser vista e revista quantas vezes o aluno achar necessário, até ele se sentir seguro quanto ao que está sendo ensinado – tarefa essa bastante incomum nas aulas regulares, quando alguns alunos parecem preferir guardar para si as dúvidas a solicitar ao professor uma nova explicação. Na aula gravada, o aluno é capaz de repetir especificamente um termo ou um conceito que ele pode ter perdido durante uma aula regular, presencial. Ao dar o *play* no vídeo, pode-se conseguir dosar melhor a sua capacidade de concentração, colocando, por exemplo, fones de ouvido, caso esteja em um ambiente com outras pessoas, ou simplesmente se recolhendo em seu quarto com atenção focada no que será explicado.

Uma outra característica das videoaulas é que, se uma eventual explicação deixar dúvidas ou mesmo suscitar outras curiosidades, o aluno tem à sua disposição toda uma gama de novos *links* e caminhos a serem seguidos. No exemplo citado anteriormente, ao assistir a uma videoaula sobre Iluminismo, o aluno pode achar curioso o nome de um dos expoentes dessa corrente de pensamento, como por exemplo o suíço Jean Jacques Rousseau. Uma rápida busca mais acurada pode levar o mesmo estudante à informação de que tal autor foi umas das inspirações para a escolha do nome artístico do vocalista da banda Legião Urbana, Renato Manfredini – cujo pseudônimo era Renato Russo. Ao associar os nomes, ele pode estar criando uma estratégia autônoma de aprendizagem, independente de eventuais orientações previamente concebidas. Partindo do pensador iluminista, o aluno poderia implicar-se de forma muito mais ativa ao esquematizar mentalmente a aproximação de um ícone *pop* nacional ao assunto que ele precisa dominar para não tirar uma nota ruim.

Por tudo isso, e pensando um pouco mais à frente, não nos parece mais possível ignorar os sinais da revolução epistemológica entranhada nas novas tecnologias de informação e comunicação, seja sob o viés cognitivo mais amplo, seja sob suas características pedagógicas específicas. Aceitando tal premissa, poderíamos, por conseguinte, questionar até que ponto as videoaulas, em seus diversos formatos e potenciais, não estariam produzindo um novo *modus operandi* dos estudos escolares.

Afinal, tais aulas podem ter, ao nosso ver, potencial para começar a modificar ainda mais a relação professor-aluno, bem como o binômio escola-ensino, podendo também, quem sabe, servir como derradeiro questionamento quanto à formatação curricular/escolar nacional, tão eivadas de números e determinações (200 dias, 4 horas por dia, 50 minutos de aula), definidas numa época em que se somava o tempo gasto para se acessar o conhecimento (por meio das longas exposições dos professores) e discuti-lo, quando, na verdade, hoje, os conteúdos curriculares estão no ciberespaço o tempo inteiro, e para acessá-los basta um clique no *mouse* ou um toque na tela do *tablet* ou do *smartphone*.

Seguindo tal linha de raciocínio, achamos válida uma incômoda questão que vem cada vez mais à tona, à medida que mais alunos percebem e se aproveitam do potencial didático das aulas disponibilizadas na internet: quando um aluno que não tem interesse em uma determinada matéria, opta por estudá-la a partir de uma videoaula de dez/quinze minutos e consegue bons resultados nas avaliações escolares (como acontecia com mais de 60% dos alunos ouvidos durante a pesquisa anteriormente citada), estamos diante de um problema que pode virar solução, ou de uma solução que pode virar problema?

### **Solução que vira problema**

Parece-nos que a solução pode se tornar um problema a partir do momento que caminha na direção daquilo que se convencionou chamar de Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001) ou Hipermodernidade (LIPOVESTSKY, 2005) – a depender do teórico. Importa-nos entender e discutir o nosso problema sob o prisma de uma das características comumente atrelada à sociedade contemporânea: a cada vez mais citada redução dos discursos, abandono das narrativas tradicionais, “twitterização” de ideias, pensamentos e, eventualmente, saberes.

No que diz respeito às narrativas cada vez menos extensas, parece-nos válida uma antítese: ao mesmo tempo em que se afirma a dificuldade dos alunos em se concentrar nas aulas, especialmente nas que são dadas em dois ou três tempos seguidos, notamos, também, o sucesso midiático de algumas obras televisivas/cinematográficas de longa duração. Não à toa, passou-se a utilizar-se, nos últimos anos, o neologismo “maratonar”, associado principalmente ao hábito de se passar horas desvendando os segredos, mistérios e revelações de séries e filmes como *Game Of Thrones*, *Stranger Things*, *Breaking Bad*, e *Star Wars*. A nova coqueluche do entretenimento global, a *Netflix*, apostou em tal viés e tornou-se uma empresa bilionária do setor, produzindo extensos conteúdos que são liberados de uma vez só, justamente para saciar os anseios desse mesmo público que possuiria tanta dificuldade em se defrontar com narrativas longas.

Independente disso, não nos parece louvável uma sociedade erigida sob os auspícios de discursos cada vez mais enxutos e ideias progressivamente diminuídas ou simplificadas, até por conta do risco de tomar como o todo uma soma, cada vez menor, das partes. Os ditos “resumões”, “aulões” e outros aumentativos, que escondem diminuições tanto dos saberes quanto da profundidade destes, trazem-nos uma apreensão quanto à maneira como estamos lidando com o conhecimento.

Voltando à pesquisa sobre a videoaula acerca do Iluminismo, das dez gravações indicadas pelo buscador, sete duram menos do que dez minutos, nove duram menos do que treze minutos e apenas uma chega a vinte minutos – o que ainda não é nem metade dos cinquenta minutos tradicionais da sala de aula. Ao mudarmos o foco para o tema Descobrimento do Brasil, temos resultado bastante semelhante: 80% dos dez vídeos mais assistidos não chegam a doze minutos de duração, dez por cento chegam a quinze minutos e apenas um dura vinte minutos.

Donde podemos concluir que resumos, abreviações e comunicações sintéticas parecem se impor a um público que tem à sua disposição cada vez mais fontes de informação. Ao mesmo tempo, teme-se pela evidente perda de conteúdo, mesmo sem se saber exatamente o quanto se perde e por quanto tempo ainda será realmente considerada uma perda.

### **Problema que vira solução**

Por outro lado, o problema pode se tornar solução, servindo como um alerta para a máxima de formamos alunos do século XXI em moldes semelhantes ao que formávamos no século XVIII – não por acaso, quando surgiu o conceito atual de enciclopédia. Se entendermos o período que passam os alunos na escola (a despeito da importância de seu caráter socializante) como uma “grande narrativa”, as videoaulas podem se tornar uma nova possibilidade cognitiva, nos moldes da Sociedade Líquida (BAUMAN, 2007), tornando mais direto o acesso do aluno aos conteúdos e mais dinâmico o espaço/tempo da aula em si, desonerando o professor de uma tarefa reprodutiva-conteudista e liberando-o para uma ação mais crítica e construtiva.

Com a propagação dos vídeos onde professores lecionam para um público cada vez maior, chegamos a um novo estágio dos saberes curriculares/escolares: podemos dizer que hoje não só o conteúdo *per se* encontra-se disseminado na internet, mas também a sua explicação tornar-se a cada dia mais acessível, em um formato mais curto, objetivo e direto do que as aulas de 50/100 ou até 150 minutos que eles têm na escola. Aula midiática que ele pode ter em qualquer local com uma boa conexão, “favoritando” não só o conteúdo, mas a forma de explicação deste, com as especificidades previamente citadas.

Ou seja, se antes a escola tinha como papel a manutenção e reprodução do saber, com o advento *dãinternet*, será que tal ordem hierárquica não precisaria ser repensada, quando não invertida? Até que ponto ainda faz sentido tal concepção de ensino, formulada e imposta quando nem sequer eram imagináveis os múltiplos recursos de que dispomos hoje em dia?

Parece-nos que, também neste quesito, a função da escola – e de todos profissionais envolvidos no processo de aprendizagem – precisa, sim, ser revista; no entanto, a simples extinção de espaços escolares ou a transformação destes em meros pontos de encontros de aventureiros em busca de conhecimentos não nos soam como respostas satisfatórias. Até porque, além dos veículos cada vez mais potentes para chegar aos destinos, continuaremos a precisar de condutores – e nisso parece residir o valor central dos profissionais da educação no século 21. Do contrário, corre-se o enorme risco de naufrágios e motins, provocados pelas sereias e leviatãs fartamente espalhados pelas infinitas *highways* da *world wide web*.

No entanto, respeitados esses cuidados e pensando na rotina de um estudante que tem de lidar com dezenas de conteúdos (muitos ainda sem sentido para ele), será que, mais do que uma ameaça, as videoaulas não devem ser vistas como uma aliada? Aparentemente, a resposta tem sido dada pelas grandes redes de ensino básico, que já possuem estúdios e plataformas modernas para providenciar aos seus alunos uma outra forma de explicação para o conteúdo curricular.

Logicamente, uma realidade ainda bastante distante da maioria do alunado brasileiro, pertencente a escolas públicas que, muitas das vezes, não possuem nem sequer o professor presencial. No entanto, mesmo sob tal prisma, o

advento das videoaulas pode também suprir tal ausência, já que as aulas gravadas e disponibilizadas na rede são livres para todos, uma vez que o capitalismo transformou o símbolo do polegar para cima em uma moeda.

Ou seja, ainda que não totalmente isenta de recortes discriminatórios de renda e acessibilidade, as videoaulas podem ser mais democráticas do que as aulas tradicionais e, em muitos dos casos, prestam um serviço anteriormente restrito àqueles com mais alto poder aquisitivo: as aulas particulares.

### **Conclusão**

O fenômeno das videoaulas oferece uma nova visão sobre essa relação do aluno com a escola e com o conhecimento, uma vez que pode vir a colocar em xeque alguns paradigmas, como os que dizem respeito à autonomia do aluno em seu acesso aos conteúdos escolares e o papel do professor como mero detentor destes.

Acreditamos que essa específica modalidade de aprendizagem pode trazer uma gama de benefícios, porém entendemos que existem problemas associados às mesmas características que as tornam atraente; ou seja, seus discursos diretos, rápidos e sintetizados de saberes amplos e complexos, que se mostraram de grande valia para alguns alunos às vésperas de provas, podem também operar negativamente a médio prazo, justamente pela superficialidade com que tratam temas e tópicos fundamentais para a formação de sujeitos críticos e atuantes socialmente.

Ainda que para conciliar tais perspectivas tenhamos que rever o papel da escola e na sociedade contemporânea, a relação do conhecimento com a tecnologia oferece uma ampla, promissora e ainda incerta gama de possibilidades. Acima de tudo, não se nos apresenta como alvissareiro o destino de ambientes de ensino exclusivamente tradicionais, desprovidos de atrativos tecnológicos e virtuais, verdadeiros *locus* de encarceramento tecnológico.

Parece-nos, por fim, que qualquer tentativa de libertar os alunos das amarras institucionais e escolares às quais se veem presos há séculos merecem, no mínimo, um olhar mais atento das ciências que se preocupam com o processo de ensino-aprendizagem.

### **REFERÊNCIAS:**

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CORTELAZZO, Iolanda (2002). Pedagogia e novas tecnologias: tecnologias interativas e colaborativas. Disponível em: <http://www.boaaula.com.br/iolanda/producao/me/pubonline/sergio13.htm>. Acesso em 06/09/2015

COSTA JR, Hélio Lemes. Ciberescola: educação em banda larga. Rio de Janeiro: Ponto da cultura editora, 2011.

FERNÁNDEZ, Alicia. O Saber em Jogo. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis: Vozes, 1985.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de filosofia. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

KURZ, Robert. A Ignorância da Sociedade do Conhecimento.

Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=26](http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=26) Acesso em 11 de março de 2011.

KURZ, Robert. O colapso da modernização. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LEITE, Lígia Silva. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, Wendel (Org.). Tecnologia e educação: as mídias na prática docente. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 61-77.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo, 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortês, 2011 (Coleção questões da nossa época; v.2)

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Bacarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Barueri: Manole, 2005

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A cultura-mundo: reposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa and KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. Educ. Soc. [online]. 2007, vol.28, n.100, pp. 1037-1057

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, utopia e pós-modernidade. In MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org.). Currículo: questões atuais. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PAIN, S. Subjetividade e Objetividade: Relação entre Desejo e Conhecimento. Petrópolis. Vozes, 2012.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Maria Cecilia Almeida e. Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

SOUZA, Bruno de. Mobile learning: educação e tecnologia na palma da mão. Ebook.